

A descoberta da floresta

Moacir Werneck de Castro

Decano dos brasilianistas, o antropólogo Charles Wagley viveu e trabalhou no Brasil, de 1939 à metade da década de 40, pesquisando tribos indígenas do Brasil Central e chefiando a Divisão de Educação Sanitária do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), uma tarefa que lhe coube por ser considerado inapto para o serviço militar.

Grande figura esse Wagley, Chuck para os amigos. Com o correr do tempo pouco se tem falado dele. Irradiava uma extraordinária simpatia com o seu jeito de texano boa-praça, capaz de se sentir tão bem numa aldeia Tenetehara como na cátedra da Universidade de Colúmbia, em Nova York, onde foi diretor do Departamento de Antropologia e do Instituto de Estudos Latino-Americanos.

Amava o Brasil, casou-se com a brasileira Cecília Roxo. Falava um pitoresco português coloquial, com regras próprias. Assim, dizia que eu era um jornalista, pois considerava inadmissível que um substantivo masculino em nossa língua terminasse em *a*. Lastimava eu não ter um currículo acadêmico que lhe permitisse conseguir uma bolsa de estudos para mim nos States.

A lembrança de Wagley me voltou muito viva quando outro dia eu falava da Floresta Amazônica. O nosso querido gringo era um conhecedor da região. Andara por lá estudando uma

cidadezinha paraense, Itá, do que resultou o livro *Uma Comunidade Amazônica — Estudo do Homem nos Trópicos*, editado em português na Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional, trabalho em que foi assessorado pelo escritor Dalcídio Jurandir e pelo sanitarista, depois deputado, Cateté Pinheiro. Recebi um exemplar com uma dedicatória que me envidoece, falando em *fond memories* e *great help in learning of Brazil*, o que era um exagero do amigo.

Foi graças a esse americano que pude fugir um pouco do meu confinamento urbano no

Wagley, trabalhamos em períodos diferentes Rubem Braga, Dalcídio Jurandir, Armênio Guedes e eu. Éramos todos esquerdistas, como também alguns médicos do Sesp, entre os quais Isnard Teixeira.

A serviço desse órgão conheci a mata do Vale do Rio Doce, nesse tempo ainda intacta. Viajei de Belo Horizonte a Governador Valadares, então chamada Figueira, cujos moradores preferiam ganhar dinheiro em negócios locais, como o de pedras preciosas e cristal de rocha, em vez de emigrar clandestinamente para os EUA.

COM O CORRER DO TEMPO
POUCO SE TEM FALADO DO
ANTROPÓLOGO CHARLES WAGLEY,
DECANO DOS BRASILIANISTAS

Rio e conhecer a Floresta Amazônica. Até então a minha vivência de mata virgem se limitava a tangenciar uns restolhos da Mata Atlântica no interior fluminense, devastado pelo desmatamento para plantio de lavouras de café com o braço escravo.

O Sesp publicava um boletim sobre o trabalho conjunto ianque-brasileiro no saneamento de áreas estratégicas, principalmente as zonas produtoras de mica e quartzo, no Sudeste, e de borrachá, na Amazônia. Nesse boletim, escolhidos por

O deslumbramento maior, entretanto, me veio na Amazônia, em viagem que me levou a Belém, a Macapá e dali à bela Santarém, onde o casario em estilo português se projetava sobre o Rio Amazonas, tendo como fundo a floresta densa e misteriosa. Depois de tomar um banho no Tapajós próximo, desafiando boatos sobre a presença de piranhas e candirus, passei um telegrama a Vinícius de Moraes que dizia, não sei por quê: "Águas do Tapajós, ai de nós!" Talvez fosse

premonição de um desastre do qual escapamos ilesos, uns três anos depois, o poeta e eu, mais Aníbal Machado.

Eu viajava num avião militar, cargueiro, sobrevoando a mata, quando o aparelho começou a baixar inquietantemente para o pouso. Já me via destroçado entre as árvores enormes, mas descobri logo adiante uma superfície líquida, menos mal. Acontece que pouamos sem um solavanco, suavemente. O avião era anfíbio, e eu não sabia...

Nosso trabalho consistia em fazer matérias sobre construção de esgotos, combate ao mosquito vetor de malária e outras atividades de saneamento. Sabíamos que naquilo havia um interesse estratégico dos EUA. Mas o interesse era nosso também, o que em regra não acontecia na denominada cooperação interamericana. E essa consciência nos levava a trabalhar com outra compensação que não a do ordenado. Era uma contribuição ao esforço de guerra, à luta contra o nazi-fascismo em que queríamos ver o Brasil participando, e Rubem Braga levaria às últimas consequências, como correspondente da FEB na Itália. Tem mais.

Moacir Werneck de Castro
é jornalista
e escritor

87
15/2
19/12/1988
29